
A construção da autopercepção de pessoas LGBTQIA+ e as problemáticas em torno das narrativas sobre este grupo na cultura moderna¹

Anni OTERI²

Maira Pêgo de AGUIAR³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este trabalho investiga como a sociedade constrói narrativas sobre pessoas LGBTQIA+ em espaços culturais, dentro dos campos imagéticos da mídia e arte, utilizando o conceito de tecnologias de gênero para analisar estereótipos. Referências como Letícia Nascimento, Ruth Sabat, Eric Landowski e Michel Foucault são exploradas para compreender processos de autopercepção dessa população, usando a base semiótica para análise. Questionam-se papéis de gênero impostos desde a infância, destacando que aqueles que fogem dos padrões são estigmatizados, resultando em preconceitos que os afetam. Propõe-se uma abordagem mais plural sobre gênero e sexualidade visando construir narrativas diversas e inclusivas, para compreender os mecanismos figurativos criados pela sociedade sobre essas minorias, além de reflexões realizadas a partir de uma pesquisa feita com um grupo de jovens.

Palavras-chaves: autopercepção, gênero; imagem; LGBTQIA+; narrativas.

Abstract

This work investigates how society constructs narratives about LGBTQIA+ people in cultural spaces, using the concept of gender technologies to analyze stereotypes. References such as Letícia Nascimento, Ruth Sabat, Eric Landowski and Michel Foucault are explored to understand the processes of self-perception of this population, using a semiotic basis for analysis. Gender roles imposed since childhood are questioned, highlighting that those who deviate from the standards are stigmatized, resulting in prejudices that affect them. A more plural approach to gender and sexuality is proposed, with the goal of constructing diverse and inclusive narratives, in order to understand the figurative mechanisms created by society about these minorities, as well as reflections based on a study carried out with a group of young people.

Keywords: gender; image; self-perception; LGBTQIA +; narratives.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Nome Social. Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Artes Plásticas do CAR - Ufes e Bolsista do Programa de Educação Tutorial - Pet Cultura. E-mail: oteri.anni2203@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Departamento de Teoria da Arte e Música do CAR - Ufes e Tutora do Pet Cultura. E-mail: maira.aguiar@ufes.br

Introdução: A construção das narrativas de gênero dentro da cultura e as noções que são criadas desde a infância

A importância de referências LGBTQIA+ em meios culturais, em especial durante a infância, é um debate que tem ganhado grande visibilidade nos últimos anos, à medida que parte da sociedade começa a reconhecer novas ideias e noções a respeito do que se sabe sobre gênero e orientação sexual. Quando se trata de debater autopercepção, a maneira como nos vemos e nos reconhecemos, seja individualmente ou em grupo, é de suma importância entender o papel que figuras de representação tem, principalmente na infância. Cada vez mais se tem argumentado sobre como modelos de papéis de gênero impactam na construção do indivíduo, além da discussão de como esses papéis se constroem e a importância de romper esses padrões, isso se deve aos debates levantados pelas ondas do movimento feminista e dos movimentos de contracultura.

Assim, foram se formando novos entendimentos que guiaram a desconstrução de vários tabus, como por exemplo, de que sexo e gênero são sinônimos. Nesse sentido, vemos pensadoras como a antropóloga estadunidense Gayle Rubin que em “O tráfico de mulheres” (1975), propõe a análise e desconstrução do conceito “sistema sexo/gênero”, como um “conjunto de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a anatomia biológica em produtos da atividade humana” (p 197). Esta ideia também está nas teorias de Leticia Nascimento, em sua obra “Transfeminismos”, na qual aprofunda as questões de gênero que surgiram desde a ascensão de movimentos como o feminismo e as ondas que esse grupo sofreu no decorrer do século passado.

Justamente, por meio dessas articulações e a ampliação de movimentos como LGBTQIA+, antes considerado como uma luta unicamente homossexual, que surgiram termos e nomenclaturas que pudessem abraçar essa diversidade de identidades e sexualidade, como a própria expansão da sigla. Com uma proposta não muito diferente, se criou a expressão *queer*⁴, que surge nos Estados Unidos com a intenção de acolher, em uma só terminologia, toda identidade e sexualidade que esteja fora do considerado heterocisnormativo, sendo encarado, popularmente, como um termo “guarda-chuva”, que acolhe diversas identidades em uma só.

⁴ *Queer*: *queer* [kwiêr]: adjetivo de dois gêneros e de dois números relativo a uma identidade de gênero ou a orientação sexual que não é considerada tradicional, normativa ou majoritária (ex.: *ativismo queer*; *identidades queer*). Fonte: Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/queer>.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é investigar a importância das referências LGBTQIA+ na cultura, especialmente durante a infância, e compreender como essas representações influenciam a percepção que o indivíduo constrói sobre si mesmo, especialmente, a respeito de gênero e sexualidade.

O texto está estruturado da seguinte forma, inicialmente, analisamos os debates sobre a definição de gênero, além de buscar entender como dispositivos imagéticos, estejam eles presentes na arte, na mídia, televisão, etc., influenciam na propagação de determinadas narrativas, para além disso, dando sequência à essa discussão, apresentamos questões que buscam entender os mecanismos de poder presentes nos discursos propagados pelos meios do audiovisual, que continuam a sustentar diversos estereótipos. Após esta discussão, a fim de levar a entender os impactos dessas narrativas, apresentamos uma análise teórica sobre gênero e sexualidade, visando compreender como se dá essa construção, apresentamos alguns apontamentos sobre a temática, com base na semiótica, com propósito de debater sobre como mecanismos visuais e imagéticos fazem parte dessa estrutura e estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano - com a ascensão da tecnologia e do audiovisual. Por fim, apresentamos os dados da pesquisa de campo, realizada através de um formulário eletrônico, com intuito de mapear esses impactos mais a fundo e entendê-los a partir das respostas de grupo de pessoas LGBTQIA+.

Tecnologias de gênero e narrativas sobre sexualidade: como as representações imagéticas do audiovisual constroem e propagam estereótipos

Os movimentos feministas e de contracultura impulsionaram debates que resultaram em novos entendimentos sobre gênero e sexualidade, desafiando a visão tradicional de que sexo e gênero são sinônimos, como evidenciado nas teorias de Gayle Rubin e Leticia Nascimento. No momento em que as ondas do feminismo se ramificaram, junto da construção de movimentos como o de pessoas LGBTQIA+, diversas discussões sobre a temática começaram a se estruturar, levando a criação de terminologias como “tecnologias de gênero”, que se tratam de ferramentas que estruturam as narrativas sociais atribuídas aos gêneros, elas podem ser aplicadas tanto a favor de uma liberdade e pluralidade dos demais gêneros, como para reforçar papéis antiquados e estereótipos.

Entendendo essa progressão da luta contra a desigualdade de gênero, nota-se que o feminismo deixou de, por exemplo, ser apenas um debate sobre os direitos da mulher, em especial mulheres cis, brancas, magras e de classe alta, e se iniciou o questionamento sobre os fundamentos dos papéis de gênero e como eles são construídos socialmente. Passou-se a explorar a fonte desse vínculo entre gênero e sexo, além de discussões sobre como se estruturam essas relações de poder e quais mecanismos são usados dentro de ambientes como escola, espaços culturais, a mídia, o campo artístico etc., para reforçar esses discursos opressores.

Foucault (2000), destaca como a linguagem é um mecanismo de poder usado pelos opressores para sustentar seus discursos, impedindo que os oprimidos, que não tenham acesso a ela, contestem-nas. Assim, impõe-se uma verdade absoluta. O domínio das ferramentas imagéticas não foge disso, quando grupos marginalizados, como mulheres, pessoas pretas, indígenas e LGBTQIA+, possuem esse acesso, conseguem criar novas narrativas, libertando-se de um discurso unilateral e construindo histórias plurais.

Desde muito tempo, esbarramos em um sistema cheio de referências negativas sobre a população LGBTQIA+, presentes no cotidiano, sempre tendo suas imagens associadas a estereótipos como pessoas doentes, malucas, pedófilas ou dignas de piadas. No audiovisual, se constroem imagens negativas por meio de personagens que alimentam determinados discursos de ódio, que influenciam no modo como, especialmente, crianças veem o mundo, apresentando uma narrativa singular associada sempre ao negativo e ao “feio”, quando por exemplo, falamos de homens afeminados ou qualquer pessoa que não se encaixe no padrão heteronormativo.

Partindo de uma análise da narrativa de filmes ou contos infantis, observa-se que muitas histórias já implementam ideias sobre os modos de “ser homem” ou “ser mulher”, fazendo uso do estereótipo das figuras que representam “bem” e “mal”, assimilando seus comportamentos de acordo com as normas de gênero estabelecidas a isso. Podemos chamar isso de “queer coding”, terminologia que aponta situações em que personagens de filmes ou séries, especificamente vilões, possuem características majoritariamente associadas a pessoas que fogem de um padrão heteronormativo.

O pesquisador Christian Gonzatti fala disso em um vídeo de seu perfil no Instagram, “Diversidade Nerd” (postado em 2021), no qual debate sobre como personagens antagonistas, citando “Scar” do filme animado “O Rei Leão” (1994), possuem trejeitos afeminados e

características visuais que fogem do “padrão masculino”. Ele enfatiza, também, como vilãs femininas, como A Rainha Má da animação “Branca de Neve” (1938) ou Úrsula de “A Pequena Sereia” (1989), possuem uma maquiagem exagerada, majoritariamente relacionada a *drag queens* ou profissionais do sexo. Apesar de serem produções do século passado, esses filmes e contos ainda tem grande circulação atualmente, impactando também as crianças das gerações mais recentes.

Essa ideia se mescla com o que é dito por Clara Montello e Valeska Zanello, no artigo publicado pela revista “Feminismos”, de título “Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos filmes da Disney” (2015), no qual as autoras falam sobre a construção dessa imagem de herói e vilão introduzida na infância, tomando como base as análises de discursos como o de Pamela O'Brien, que discute a relação dos papéis da mulher nas animações “Cinderela”(1950) e “Pequena Sereia” (1989), conforme afirmam:

Ao observarmos a cena, os sentimentos irrompem de forma parecida ao que acontece em nosso cotidiano: temos raiva dos vilões, admiração pelos mocinhos, e torcemos para que, no final, o príncipe e a princesa fiquem juntos e vivam felizes para sempre. Nesse sentido, quando o sujeito – no caso, a criança – entra em contato com esse momento teatralizado é capaz de se transformar, recorrendo ao imaginário e identificando-se/projetando-se nos personagens.

Em consonância com essa perspectiva, Pamela O'Brien (1996) aponta que a introdução dos contos de fadas em uma idade na qual a distinção entre fantasia e realidade ainda é precária permite que as crianças aceitem e incorporem mais facilmente essas convenções estereotipadas (p. 36).

(...)

Nesse sentido, ao entrar em contato com estas histórias, as crianças vão se constituindo e reproduzindo os modelos de comportamentos e de atitudes presentes nas personagens. As animações, portanto, configuram espaços de constituição de identidades de gênero, elas reproduzem narrativas nas quais as diferenças atribuídas a sexo se apresentam baseadas em um discurso “convencional” e conservador: os homens são naturalmente fortes, viris, poderosos e racionais; enquanto as mulheres aparecem como calmas, gentis, fracas e submissas aos homens (MONTEIRO, C.; ZANELLO, V., 2015, p. 37).

As autoras, posteriormente, trazem a fala citada do autor e jornalista Juremir Silva em “As Tecnologias do Imaginário” (2003), no qual ele afirma que “agregar imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado e, através de um mecanismo grupal/individual, sedimenta um modo de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo” (p. 11), que contempla o quão nocivo pode ser expor crianças a mecanismos que, de certa forma, são extremamente violentos para a construção da autopercepção, o

pesquisador alega que usar esses mecanismos desde a infância, constrói determinadas noções que sustentam esse discurso estereotipado de gênero desde muito cedo.

Ainda existe uma forte resistência à inclusão de pessoas LGBTQIA+ em meios culturais, especialmente quando envolvem crianças, associando essas figuras sempre a algo doentio ou vilanesco. Em programas de televisão, é comum ver pessoas transgêneras sendo representadas por meio da narrativa cômica, como se fossem piadas, sempre com discursos reforçando a ideia de que estão tentando ser algo que não são, como se fossem impostoras. Leticia Nascimento (2021) traz os termos “outsiders”, forasteiras (em inglês) e “*non sisters*”, não irmãs, em sua obra, apontando como travestis e mulheres trans são vistas enquanto fraudes no movimento feminista, sendo denominadas como “homens vestidos de mulher” e sendo excluídas da luta feminina e tendo negado reconhecimento de sua identidade de gênero.

A ideia de que pessoas LGBTQIA+ são piadas, é reforçada em vários personagens, para além da narrativa infantil, esbarramos em personagens como “Crô”, da novela brasileira “Fina Estampa”, veiculada em 2011 que é humilhado durante toda sua trajetória na novela por ser “uma bicha”. Sua narrativa tem uma construção totalmente estereotipada, bem como um final amoroso trágico, sustentando assim, o discurso de que um homem gay não tem a possibilidade de um final romântico, feliz e saudável.

Indo a fundo, temos muitos momentos na mídia onde homens se fantasiam de mulher, a fim de gerar humor e fazer o espectador rir, sustentando a piada de que pessoas fora do padrão heteronormativo de vestimenta, são motivo de graça e humilhação. Temos momentos disso, novamente, em desenhos infantis populares, como “Looney Tunes” (1969), de Chuck Jones, ou “Os Flintstones” (1960), de Joseph Barbera, onde personagens fazem uso dessa “tática” com intuito de criar humor ou para disfarçarem-se.

São diversas as referências introduzidas desde a infância que reforçam noções problemáticas de gênero no campo audiovisual, promovendo um discurso binário e heteronormativo, a fim de enquadrar o indivíduo. Porém, isso não apenas afeta a percepção da sociedade sobre pessoas LGBTQIA+, mas também impacta negativamente a autopercepção e aceitação dessa população, prejudicando todo o seu processo de descoberta e entendimento.

Uma ilustração do artista estadunidense Justin Hubbell, feita para a série “In a Word: Trans”, retrata essa problemática, além de criticar essas representações, por afetarem a legitimidade que pessoas trans têm de si mesmas.



Figuras 1 e 2: Ilustração feita em redes digitais, criticando representações e sátiras a pessoas *queer*. “HUBBELL, Justin. ‘In a Word: Trans’ (2020)”. Imagem disponível em: <https://www.yuristargirl.com/2020/01/in-word-trans-autobiographical-comic.html>.

Se cria uma “endemonização”, um tabu no imaginário social, sobre a existência dessas pessoas nos demais espaços, que impedem a construção de novas narrativas que trazem histórias positivas sobre este grupo.

Impacto das representações imagéticas de gênero: uma análise semiótica sobre discurso e identidade no audiovisual

As representações imagéticas nos meios de comunicação, sob a perspectiva teórica da semiótica, desempenham um papel crucial na compreensão dos modos como as mensagens sobre gênero e sexualidade são criadas, transmitidas e interpretadas. Segundo Lúcia Santaella (1983), a semiótica nos permite desvendar os significados construídos por símbolos e metáforas, revelando como os estereótipos de gênero são perpetuados. Os princípios da semiótica também são utilizados para examinar narrativas e discursos presentes em notícias, programas de televisão e filmes, que são mecanismos presentes na rotina da maioria das pessoas e tem um impacto muito grande, desde a infância, sobre a construção da identidade coletiva e individual.

Por meio da análise semiótica, é possível entender como símbolos, estereótipos e metáforas são empregados para construir significados e alimentar as narrativas sociais sobre vários temas, influenciando na maneira como o público compreende aquela temática.

Santaella também vai discorrer sobre as formas de linguagens verbais e não-verbais, ressaltando que nem tudo é explícito quando se trata de estabelecer discursos. A autora afirma que a partir dos signos somos capazes de atribuir significados por meio de padrões ou narrativas que não estão necessariamente evidentes, mas que estão ali alimentando e servindo de base para um discurso, pois fazem parte da maneira como nos comunicamos.

A autora destaca a importância de compreendermos os elementos da linguagem e sobre o modo como as imagens criam significados narrativos, sem necessariamente estar escrito, que estão presentes em nosso cotidiano servindo de base para toda uma estrutura que estão inseridas em as nossas etapas de socialização por meio da indústria de entretenimento, televisão, arte e etc, como explica a seguir:

De dois séculos para cá (pós-revolução industrial), as invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens {a fotografia, o cinema, os meios de impressão gráfica, o rádio, a TV, as fitas magnéticas etc.) povoaram nosso cotidiano com mensagens e informações que nos espreitam e nos esperam. Para termos uma idéia das transmutações que estão se operando no mundo da linguagem, basta lembrar que, ao simples apertar de botões, imagens, sons, palavras (a novela das 8, um jogo de futebol, um debate político...) invadem nossa casa e a ela chegam mais ou menos do mesmo modo que chegam a água, o gás ou a luz. (SANTAELLA, 1983, p. 02)

Esses mecanismos imagéticos são introduzidos na socialização do ser humano muito antes dessa “era tecnológica”, já que muito antes de se entender como indivíduo social “o homem” produz imagens para se comunicar e transmitir significados, desde as pinturas rupestres, ao alfabeto, a fotografia e assim vai. Com a contemporaneidade, vemos isso muito mais presente, claro, devido a presença gritante da tecnologia em nosso cotidiano, o que nos leva a sermos expostos a tudo isso já na infância, fase em que criamos nossas primeiras percepções de mundo e sobre nós mesmos, com base no que nos é mostrado, claro que futuramente, à medida que crescemos, somos capazes de nos libertar de algumas convicções, porém nos cabe entender, primeiramente, suas origens e como nos impactam.

Assim, ao discutir cultura contemporânea, é quase impossível não falar dos mecanismos midiáticos muito utilizados pelas gerações mais recentes, como televisão, cinema e redes sociais. Entendemos que eles não têm um papel definidor das concepções presentes nos discursos que são veiculados, mas possuem um grande papel como formadores de opiniões e identidades nos últimos anos, por isso que ao falar de autopercepção, somos levados a analisar mais a fundo os processos individuais e coletivos de cada pessoa, como esta

se percebe dentro e fora da sociedade, pois ambos estão interligados, assim como afirma Landowski (1992), em “Jogos Ópticos: Situações e Posições da Comunicação”.

O autor discute as formas de regime visuais, como a concepção de identidade “pessoal” formada no âmbito individual se dá a partir do âmbito coletivo, para isso utiliza do termo “Entre si”, no qual constata que “a noção primeira não é em absoluto a da individualidade, mas sim, a de grupo (parental, étnica, etc)” (p. 86-87). Ou seja, Landowski destaca que nenhuma noção que temos de nós mesmos é construída de forma isolada, a autopercepção que moldamos ao longo de nossa infância e, conseqüentemente, no decorrer de nossas vidas, se dá a partir de uma construção coletiva. Isso, não anula o fato de que podemos ter nossas próprias percepções individuais sobre nós mesmos e nossos corpos, mas como seres sociais que somos, não podemos ignorar que existe uma esfera interior, o individual, que se constrói dentro de uma unidade social na qual convivemos e que essa esfera também abrange as questões de gênero impactadas pelos padrões de normatividade apresentados e reforçados pelas imagens midiáticas.

Ao falar sobre o impacto da semiótica na construção e propagação de estereótipos de gênero, especialmente sobre pessoas LGBTQIA+, é importante ressaltar que seu papel para reforçar essas narrativas é imenso, se não, violento mesmo, já que muitos mecanismos de imagem ou verbais contribuem para perpetuação de violências sociais, seja por meio de charges, memes, personagens de filmes ou até como matérias jornalísticas apresentam determinados indivíduos e seus grupos. Por meio dessa análise, é possível entender como símbolos, estereótipos e metáforas são empregados para construir significados e alimentar as narrativas sociais sobre vários temas.

Segundo Bakhtin (2006), estudioso das narrativas/discursos e de seus sentidos, não existe discurso neutro, ele está sempre envolto numa trama ideológica. Desse modo, a significação é afetada pelas condições concretas de vida das pessoas, bem como pelas condições de produção dos discursos dessas pessoas, pois, a palavra constitui em si, o signo ideológico por excelência. O autor afirma que os sistemas semióticos, em especial a linguagem, exprimem a ideologia e são, assim, modelados por ela. Assim, ressalta que, “Se a linguagem é determinada pela ideologia, a consciência, portanto, o pensamento, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia.” (p 16).

Bakhtin (1992) destaca os efeitos da ideologia na constituição da subjetividade das pessoas. O autor afirma que “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte.” (p.291),

seria possível dizer que uma concepção ou modelo estético predominante no universo social se refletiria na construção de cada pessoa, já que a nossa autopercepção se edifica desde a infância, quando passamos por experiências diversas nos contextos sociais e somos submetidos a hábitos compartilhados socialmente.

Nesse sentido, consideramos importante destacar o que Smolka (2006), afirma sobre a natureza da experiência, que segundo a autora, relaciona-se à memória e ao discurso das pessoas. Smolka trabalha com a ideia de experiência “[...] enquanto um *topos*⁵ – palavra que mobiliza imagens, lembranças, conceitos, pré-conceitos, sentidos historicamente construídos, que consideramos comuns e que, achamos, sabemos o que significa.” (p. 102). A autora explora diferentes dimensões da experiência, como a empírica - baseada na percepção pessoal e no conhecimento sensorial - a da particularidade e subjetividade do saber a partir das vivências individuais, além da dimensão coletiva da experiência, que pode divergir da experiência individual, mas é construída a partir dos mesmos elementos. Essas idéias se assemelham ao conceito de Landowski, sobre o “entre si”.

A partir do que destaca a autora, compreendemos o papel da experiência na constituição da subjetividade das pessoas, abrangendo nesta a construção de sua autopercepção. Experiências cotidianas, em ambientes diversos, constituem a subjetividade das pessoas, seus sentidos éticos, políticos, estéticos, sua autoimagem. Elementos constitutivos de experiências que lhe são significativas e possuem um grande impacto.

Apontamentos sobre a pesquisa de campo

Diante do que o tema discute e com o objetivo de compreender esse impacto das narrativas de gênero, dentro das mídias e do campo audiovisual, sobre a autopercepção de pessoas LGBTQIA+ e demais grupos que fogem de “um padrão heteronormativo”, foi realizada uma pesquisa sobre o tema, utilizando como metodologia de coleta de dados uma entrevista individual por meio de um formulário na plataforma “Google” que disponibilizou um questionário estruturado, cujas perguntas pretendiam compreender como as pessoas entrevistadas percebiam esses discursos desde a infância e qual o impacto causado nelas, em suas autoestimas, subjetividades, individualidades, convivências, etc. O questionário foi divulgado através de algumas redes de comunicação e viabilizou, posteriormente, a realização de entrevistas mais aprofundadas com as pessoas que responderam a ele.

⁵ *Topos*: do Grego: lugar, atos. (DEONISIO, 2002)

O veículo tinha como objetivo questionar um grupo específico de pessoas que tiveram acesso a esses meios de entretenimento e tiveram um contato amplo com elementos do que podemos resumir como “cultura pop”, para entender o impacto que os discursos presentes nesses canais teriam em suas experiências individuais e coletivas. Inicialmente, seria interessante explorar uma diferença geracional, porém o grupo pesquisado possui uma proximidade etária evidente, fazendo parte das gerações mais recentes e que tiveram mais contato com tecnologia e veículos midiáticos.

Análise de dados: quem são os grupos afetados e qual o impacto gerado

As respostas ao questionário possibilitaram-nos entender o impacto de algumas figuras de representação com as quais as pessoas tiveram contato desde a infância, na percepção que criam de si mesmas, pois são submetidas a uma narrativa singular e nociva, como apresentado nos dados abaixo. De forma geral, o formulário tinha como objetivo entender as interseccionalidades que atingiam pessoas LGBTQIA+, assim foi possível observar uma maior presença de jovens com grau de escolaridade até o nível superior, dentro do grupo pesquisado. Outro dado importante é que a maioria dos entrevistados eram pessoas brancas e sem algum tipo de deficiência, mas não anula o fato de que foram alcançados indivíduos de outras etnias ou que tivessem algum tipo de deficiência.

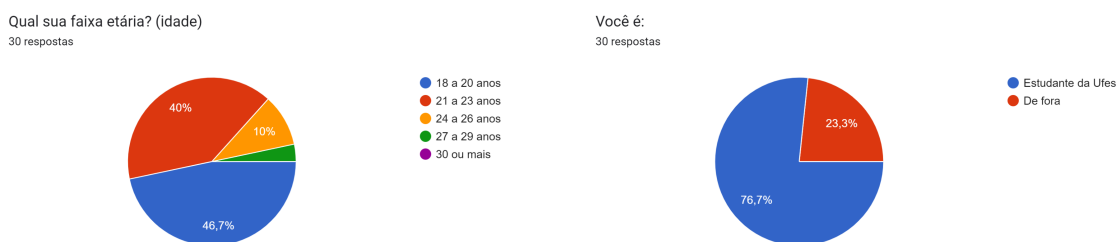
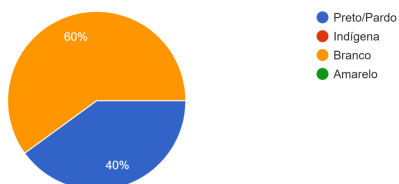


Figura 3 e 4: acervo do autor.

Os gráficos evidenciam as particularidades maiores das 30 pessoas alcançadas pelo formulário, que o responderam. Nota-se que se trata de um grupo muito jovem, contemplando pessoas de 18 a 29 anos, impactado pelos discursos presentes nas mídias e no campo audiovisual, além de apresentarem uma noção das questões relacionadas à temática.

Concluimos que o grau de escolaridade do grupo provavelmente, interferiu na sua percepção da situação.

Você é:
30 respostas



Qual sigla do grupo LGBTQIAP+ você faz parte?
30 respostas

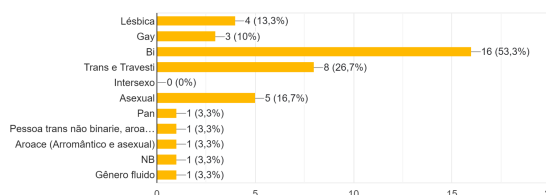


Figura 5 e 6 : acervo do autor.

As figuras 5 e 6 evidenciam o recorte descrito, baseado em etnia, junto do fator gênero e sexualidade, que nos permite observar melhor as particularidades e interseccionalidades dos indivíduos pesquisados. Muitos dos entrevistados, durante conversas registradas sobre o formulário, pontuaram suas questões pessoais com a representatividade dentro de contos infanto-juvenis, filmes clássicos da Disney e demais produções audiovisuais que temos acesso quando crianças. Uma problemática levantada é o recorte etnográfico, pois vários deles alegam não se sentirem acolhidos em espaços de protagonismo, por serem majoritariamente dominados por pessoas brancas e de um padrão estético visto como belo, que envolve magreza excessiva, silhueta fina, cabelo liso e loiro, pele branca, entre outros citados pelos entrevistados. Da parcela de pessoas declaradas “pretas e pardas”, não nos surpreendeu ouvir reclamações da falta dessas pessoas nesses espaços, além de pontuarem que quando presentes, em espaços de protagonismo, são submetidas a um padrão “irreal” de beleza e comportamento, tornando todo esse discurso ainda mais nocivo.

Claro que durante o processo da pesquisa, consideramos, que, nos últimos anos, a conscientização sobre esses estereótipos está cada vez maior, então seria um equívoco dizer que não existem representações no audiovisual focadas em trazer diversidade, mas, como evidenciado a seguir, ainda existem em um número pequeno, tendo muito a avançar.

Perguntadas se quando crianças e adolescentes essas pessoas se identificaram ou se sentiram representadas nas mídias as respostas foram:

Alguma vez quando criança/adolescente você se identificou ou sentiu representado em algum filme, livro, revista, obra de arte, etc ?

30 respostas

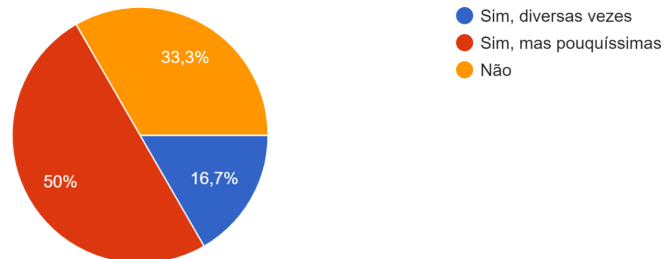


Figura 7 : acervo do autor.

Nas respostas à pergunta seguinte, foi possível observar que a maioria dos pesquisados ainda se sente representada de forma negativa, o que reforça a ideia de que permanece um discurso pejorativo nas mídias televisivas, mesmo que só pela ausência da diversidade nesses espaços, uma vez que a ausência nos discursos pode ser entendida também como um discurso. Um discurso de falta de interesse por essa categoria de representatividade.

Você já se sentiu mal ao ver um personagem queer ou parecido com você em algum filme, série, novela, etc? (algum personagem que possuísse es...os ou representasse algum grupo negativamente)

30 respostas

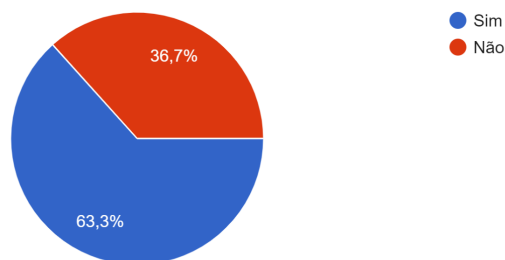


Figura 8 : acervo do autor.

Diante dos dados apresentados, analisados à luz das teorias citadas, concluímos ser possível afirmar que as representações imagéticas de gênero nos meios de comunicação e no campo audiovisual causam impactos negativos na construção da identidade das pessoas na nossa sociedade, uma vez que acabam por propagar estereótipos de gênero e sobre pessoas LGBTQIA+. Esses impactos são percebidos em todas as pessoas, independente de seu gênero ou orientação sexual, no entanto, são ainda mais impactantes na construção da autopercepção

de pessoas *queer*, pois vivenciam um mundo que constantemente as rejeita socialmente, baseado em crenças que podem até ser danosas para a saúde psicológica dessas pessoas - reitero isso como uma pessoa branca neste grupo, considerando ainda que vivemos em uma sociedade que além de patriarcal, é racista e capacitista.

Essa dimensão coletiva pode ser evidenciada no conjunto dos dados da pesquisa de campo, no que se refere ao quantitativo de respostas, sobre a falta de representatividade desses grupos nas imagens da mídia ou como são satirizadas no campo do audiovisual.

Considerações finais

Essa falta de representatividade, de diversidade de narrativas, sustenta cada vez mais um discurso corrosivo em relação a uma população que permanece cada vez mais às margens da sociedade, quando nos negam espaços e aceitação desde que somos crianças, somos tratados como um “assunto proibido”, majoritariamente. Tanto a ausência do discurso como o discurso pejorativo são danosos para a construção da autopercepção de pessoas LGBTQIA+, pois tornam quase impossível que o indivíduo tenha algum pilar ou referências positivas para se moldar, além de ser prejudicial para a saúde mental deste grupo.

Estamos falando sobre uma população que tem seis vezes mais chance de cometer suicídio do que indivíduos heterossexuais e cisgêneros, de acordo com a matéria publicada pela revista Metrôpoles (2021) como conscientização pela causa de diversidade e do “Mês de Prevenção ao Suicídio”, por causa desse processo destrutivo que ocorre no mundo e no Brasil. País este que, segundo o Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ em 2024 mais mata pessoas LGBTQIA+, em especial Trans e Travestis, no mundo pelo 15º ano consecutivo.

A análise semiótica dos dados coletados mostrou-se uma ferramenta valiosa para entender como essas narrativas são construídas e perpetuadas. A pesquisa revelou a necessidade de uma maior diversidade e representatividade nas mídias, enfatizando a importância de políticas públicas e práticas comunicacionais que promovam a inclusão e a diversidade. Assim, com base nos dados apresentados e no que foi discutido, ao longo do texto, surge a necessidade de refletir sobre o quão violenta essas narrativas podem ser para esta população, de maneira explícita, evidenciando o quão importante é construir figuras de referências nos campos imagéticos para que toda a sociedade tenha uma conscientização e conhecimento maior sobre esse grupo, além de possibilitar uma construção da própria identidade muito mais saudável e plural para pessoas LGBTQIA+.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução: Salma Tannus Muchail.

LANDOWSKI, Eric. **As formas do visível: teoria da comunicação visual**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

METRÓPOLES. **Setembro Amarelo: pessoas LGBTQIA+ têm 6 vezes mais chance de suicídio**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/setembro-amarelo-pessoas-lgbtqia-tem-6-vezes-mais-chance-de-suicidio>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MONTEIRO, C.; ZANELLO, V. **Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos filmes de animação da Disney**. Revista Feminismos, [S. l.], v. 3, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066>. Acesso em: 23 fev. 2024.

NASCIMENTO, Leticia. **Feminismos Plurais: Transfeminismos**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+. **Dossiê denuncia 230 mortes e violências de pessoas LGBT em 2023**. Blog Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ (maio de 2024). Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/>. Acesso em: 06 de jun. 2024.

SABAT, Ruth R. **Infância e gênero: O que se aprende nos filmes infantis?**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns**. Revista Pró-Posições, v. 17, n. 2 (50) – maio/ago. 2006.